

MESA
22 NOV
9H – 11H

FAKE NEWS E SUAS REPERCUSSÕES NAS HUMANIDADES

Coordenação: Jean Cristus Portela (UNESP–Araraquara)
Participantes: Sávio Cavalcante (IFCH/UNICAMP), Carlos Etulain (FCA/UNICAMP), Junia Zaidan (UFES)

RESUMO I

**A LÓGICA DA PROPAGANDA ANTICOMUNISTA DO FASCISMO:
LIÇÕES DO PASSADO, DESAFIOS DO PRESENTE**

Sávio M. Cavalcante

Professor do Departamento de Sociologia – IFCH/Unicamp
saviomc@unicamp.br

O avanço da extrema-direita em escala internacional recoloca a necessidade de análise teórica e empírica dos mecanismos de agitação e propaganda característicos de movimentos fascistas. Embora a utilização do conceito de fascismo para compreender governos e movimentos do presente exija cuidados e mediações – e talvez a característica mais marcante que diferencia o atual avanço da direita em relação ao fascismo “histórico”, em especial no Brasil, é a ausência do discurso anticapitalista –, há sinais claros de estratégias comuns de mobilização social no intuito de formar movimentos de massa reacionários com adesão popular. Nesta comunicação, irei tomar como referência histórica um artigo intitulado “Nossos oradores na luta anti-marxista: balanço de um ano eleitoral”, que foi escrito em 1932 por Fritz Oerter, para uma revista de propaganda nazista chamada Unser Wille und Weg. Trata-se de um material voltado para o debate interno do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores da Alemanha, no contexto posterior às eleições ao Reichstag, em que o autor realiza uma análise do comportamento político das classes sociais naquele momento e sugere diversas estratégias para obtenção de maior apoio e adesão por parte da classe operária alemã ao nacional-socialismo. Ressaltam-se, dentre outras formulações: a) o uso instrumental da análise de classes para informar um discurso próprio para a classe trabalhadora que a conduza ao nacionalismo conservador; b) a descrição de estratégias de desqualificação moral dos inimigos e c) o combate ao “racionalismo e materialismo” presente no operariado alemão simpático à esquerda e ao marxismo. Apesar de diferenças de várias ordens, a análise de fake news e de material de

agitação e propaganda da extrema-direita contemporânea – será focado o caso brasileiro, mas com referências também ao contexto internacional – indica a recolocação de diversos mecanismos usados pelo fascismo histórico, especialmente a desqualificação moral construída por meio da denúncia de um caráter “hipócrito” do inimigo e mobilização de formulações que buscam construir narrativas adequadas às classes populares, o que se organiza, na atualidade, no discurso de base moral e apolítico a respeito da corrupção. Nesse processo, e em razão da uma exigência de articulação com a defesa de valores capitalistas, o neofascismo produz uma variante específica de ideologia meritocrática que transforma mérito em esforço individual de sobrevivência a um mundo que passou a enfrentar de forma mais explícita dissidências políticas, sexuais/gênero e culturais.

Palavras-chave: Fascismo; propaganda política; anticomunismo; fake news.

RESUMO II

ECONOMIA POLÍTICA DA MÍDIA NO BRASIL

Carlos Raul Etulain

Faculdade de Ciências Aplicadas da Unicamp
carlos.etulain@fca.unicamp.br

O setor de comunicações tem hoje a relevância que a economia teve para disciplina de Economia Política: ser esfera determinante em última instância da dinâmica da sociedade. Isto porque as comunicações estão associadas à produção e difusão da cultura do país, e porque o seu funcionamento responde à acumulação de lucros das empresas do setor. Resulta evidente a capacidade de influência na medida que as empresas do setor veiculam símbolos e significados que interferem na vida e no pensamento dos cidadãos. O setor é foco de geração de renda, empregos e receitas em torno da vida social e política do país. Tradicionalmente, por essas razões, os Estados nacionais costumavam exercer o monopólio direto das telecomunicações, através de uma grande empresa estatal, enquanto que, na radiodifusão, continua a existir até hoje um padrão de radiodifusão comercial, à exemplos dos EUA. Na Europa, no Japão e em muitos países a radiodifusão

também foi organizada como monopólio estatal. Do ponto de vista da produção simbólica, o sistema tem que cumprir a sua função ideológica. Na época, a serviço das comunicações do regime militar e do capital monopolista, o governo brasileiro, ao contrário de outras ditaduras, por exemplo, a argentina, optou por privilegiar uma empresa nacional, considerada também moderna, a TV Globo. O grupo de comunicação se consolida de tal forma que as expressões da cultura popular virão a ser legitimadas ou não em função dos interesses da empresa oligopolista hegemônica no mercado de televisão – que, ademais, é o veículo de maior inserção na população do Brasil. Se olharmos a forma como se organiza hoje a estrutura da mídia no Brasil, se observa que se fez uma opção – como país, nação e Estado – por um modelo privado de exploração, sem conceito de serviço público das comunicações. O que há, na verdade, é uma negociação de interesses entre Estado e grupos privados. Esbarramos, por tanto, em uma situação na qual grupos empresariais privados, vinculados às oligarquias políticas hegemônicas, controlam a mídia brasileira, daí que este trabalho se proponha a abordar as seguintes questões. Qual o efeito desta estrutura das comunicações no Brasil sobre a produção de notícias? e sobre a divulgação de plataformas políticas e fatos de relevância social? Como regulamentar e democratizar o acesso à comunicação quando na verdade a definição de políticas públicas de mídia no Brasil ocorre num círculo extremamente reduzido de atores?

Palavras-chave: comunicação; economia política da mídia; setor de comunicação; ideologia e produção de sentido.

RESUMO III

FAKE NEWS, DIVERSIONISMO E A FUNÇÃO FÁTICA NA TRAGÉDIA BRASILEIRA

Junia C. S. Mattos Zaidan

Universidade Federal do Espírito Santo
junia.zaidan@ufes.br

Discutimos a fragmentação narrativa como processo contemporâneo em que as fake news, em suas diversas feições, exercem função diversionista fundamental para inviabilizar a luta coletiva contra a opressão nesta fase avançada do capitalismo. Focalizando o contexto brasileiro atual, recorreremos ao conceito

de narrativa como condição ontológica da vida social (SOMERS & GIBSON, 1994), lançando também sobre ele questionamentos relativos à disputa pela narrativa como ação alegadamente determinante para reverter a destruição do Estado brasileiro. Esta problematização é feita a partir de uma reflexão sobre o traço fático das trocas discursivas na esfera pública desde o golpe de 2016, até o presente. Sob esse ponto de vista, as fake news operam a ativação desta função fática (JAKOBSON, 1980) de linguagem, conferindo papel secundário ao teor em si dos enunciados e produzindo nos diversos grupos sociais, geralmente alvejados pelo discurso de ódio, bem como nas instituições, entidades e agentes ligados ao campo progressista uma propensão para a (sustentação da) comunicação, no encaixe comunicacional a eles destinado. Mobilizados para apontar a inveracidade das notícias e/ou para contra-narrar, esses atores sociais tendem a desempenhar um papel reativo, nomeadamente “de resistência”, propício para a consolidação da situação de exceção que vive o Brasil. Nesse cenário, as políticas identitárias, ligadas às lutas das mulheres, dos negros, dos LGBTs tendem a ser capturadas a fim de desviar a atenção das operações realizadas sobretudo pelos poderes sem voto (o Judiciário, o Ministério Público, a Polícia e a mídia comercial) para garantir, de diversas formas, a implantação de uma agenda ultraliberal no Brasil. Mantidas no plano imanente, tais “fissuras atômicas, bombas contra a vida coletiva” inscrevem-se na sociedade do controle integrado (SOARES, 2015, p. 151), em que fake news figuram no cenário mais amplo de artefatos técnico-científicos com funções polimórficas voltados a (des)informar, distrair, entreter, domesticar, confundir, massificar e sequestrar a consciência planetária do oprimido como uma única classe social.

Palavras-chave: Sociedade do controle integrado. Fake news. Diversionismo identitarista.